



Comentário Bíblico Exegético de Êxodo 26–31 (KJA)

Estudo acadêmico versículo a versículo dos capítulos 26 a 31 do livro de Êxodo — uma análise profunda da construção do Tabernáculo, das instruções divinas e do significado teológico da habitação de Deus no meio do seu povo.

EXEGESE ACADÊMICA

ANTIGO TESTAMENTO

ÊXODO 26–31

Por Jônatas Silva da Cruz — Teólogo

Êxodo 26: Introdução à Morada de Deus no Deserto (v. 1–2)

No início do capítulo 26, Deus instrui Moisés com precisão singular acerca das cortinas internas do Tabernáculo: *"Além disso, farás o tabernáculo de dez cortinas de linho torcido, e azul, e púrpura e carmesim"* (Êxodo 26.1, KJA). Cada detalhe é carregado de intenção teológica e artística, revelando que a beleza sagrada não é acidental — é revelada.

As Cores Sagradas

O **azul** representa a origem celeste e divina; a **púrpura** simboliza realeza e soberania; o **carmesim** evoca sacrifício e redenção. Juntas, essas cores formam uma linguagem visual da santidade.

Os Querubins Bordados

Os querubins bordados nas cortinas internas não eram mero ornamento, mas guardiões simbólicos da presença divina — ecos dos seres que guardam o trono de Deus (cf. Ez 1; Is 6). Sua presença insistia na santidade inviolável do espaço sagrado.

Cortinas Internas: Medidas e Materiais (v. 3–6)

As dez cortinas eram organizadas em dois conjuntos de cinco, unidos por cinquenta colchetes de ouro e laçadas de azul — uma construção de engenharia têxtil que simbolizava unidade e completude. Cada cortina media aproximadamente 13 metros de comprimento por 1,8 metro de largura, perfazendo uma cobertura total de notável proporcionalidade.

Duas Séries de Cinco

As cortinas eram unidas duas a duas em grupos de cinco, formando duas grandes peças que cobriam o interior do Tabernáculo de forma contínua e ordenada.

Colchetes de Ouro

Os cinquenta colchetes de ouro que uniam os dois conjuntos apontavam para perfeição e preciosidade divina. O número cinquenta é associado ao jubileu — libertação e plenitude.

Laçadas de Azul

As laçadas de azul reforçavam o vínculo celestial de toda a estrutura. A cor azul, derivada do corante *tekhelet*, era associada ao céu e à presença divina na tradição hebraica.

Os Querubins no Tecido: Arte Sagrada e Teologia Visual

O bordado dos querubins nas cortinas internas do Tabernáculo representa uma das mais antigas expressões de arte sacra hebraica. Esses seres celestiais, trabalhados com fios de azul, púrpura e carmesim sobre linho fino, não eram apenas decorativos: eram a afirmação visual de que o adorador entrava num espaço onde o céu e a terra se encontravam.

"E farás o tabernáculo de dez cortinas de linho torcido fino, e azul, e púrpura e carmesim; com querubins de obra prima as farás." — Êxodo 26.1 (KJA)

A escolha dos querubins como motivo bordado remete ao Jardim do Éden (Gn 3.24) e ao trono divino (Ez 10). Tecê-los nas cortinas era declarar que a morada de Deus era cercada pela mesma glória que envolve o seu trono eterno. A arte, aqui, é teologia em linha e cor.

Cobertura Externa: Pelos de Cabra (v. 7–13)



Onze Cortinas de Pelos de Cabra

A segunda camada do Tabernáculo era formada por onze cortinas de pelos de cabra — material amplamente utilizado nos tecidos das tendas nômades do Oriente Médio. Maiores que as cortinas internas, estas cobriam e ultrapassavam ligeiramente as extremidades, garantindo proteção adequada.

Função Prática e Simbólica

Do ponto de vista prático, os pelos de cabra são naturalmente impermeáveis, tornando-se uma barreira eficaz contra chuva e vento no deserto. Simbolicamente, representavam a separação entre o espaço sagrado e o mundo profano exterior — uma fronteira entre a santidade divina e a condição humana.

Enraizamento Cultural

O uso de materiais locais e conhecidos reforça que Deus habitava *no meio* do povo, utilizando elementos da própria cultura israelita para construir a sua morada — uma teologia da encarnação *avant la lettre*.

Peles de Carneiro e Couro de Texugo: Última Camada Protetora (v. 14)

O versículo 14 é sintético, mas teologicamente denso: *"E farás para o tabernáculo uma cobertura de peles de carneiros tintas de vermelho, e por cima uma cobertura de peles de texugo."* (Êxodo 26.14, KJA). Duas camadas finais, cada uma com seu simbolismo peculiar.

Peles Tingidas de Vermelho

A cor vermelha evoca o sangue — símbolo central do sistema sacrificial israelita. Cobrir o Tabernáculo com peles tintas de vermelho era declarar que a habitação de Deus é protegida e sustentada pelo sacrifício. Uma prefiguração da obra redentora de Cristo.

Couro de Texugo

O couro externo, possivelmente de golfinho ou dugongo (o hebraico *tachash* é debatido), era extremamente resistente. Representava a proteção duradoura de Deus sobre sua presença — durável, firme e capaz de suportar as adversidades do deserto.

Teologia das Camadas

As quatro camadas do Tabernáculo (linho, pelos de cabra, peles vermelhas, couro) formam uma progressão do sagrado ao externo — quanto mais se aproxima do centro, maior a riqueza e santidade dos materiais, refletindo a transcendência de Deus.

Estrutura do Tabernáculo: Tábuas de Acácia Revestidas de Ouro (v. 15–30)

Os versículos 15 a 30 descrevem a ossatura do Tabernáculo: quarenta e oito tábuas de madeira de acácia, cada uma revestida de ouro puro, encaixadas em bases de prata e interligadas por barras horizontais. A acácia — uma das poucas madeiras duras disponíveis no deserto — era incorruptível e resistente ao cupim, tornando-se símbolo da incorruptibilidade divina.

48 Tábuas Verticais

20 ao sul, 20 ao norte e 6 ao oeste, com 2 de reforço nos cantos — proporcionando estabilidade estrutural e simetria perfeita.

Barras de Acácia com Ouro

Cinco barras horizontais por lado mantinham as tábuas unidas — a barra central atravessava de ponta a ponta, simbolizando a coesão e a continuidade da presença divina.

1

2

3

4

Bases de Prata

Cada tábua repousava sobre duas bases de prata — metal de pureza e valor. As 96 bases de prata eram fundidas com o tributo do povo (cf. Êx 38.27), conectando a comunidade à estrutura sagrada.

Portabilidade Sagrada

O sistema de encaixes permitia desmontagem e remontagem rápidas, expressando que a presença de Deus não estava presa a um lugar geográfico, mas acompanhava o seu povo em jornada.

O Véu que Separa o Lugar Santo do Santo dos Santos (v. 31–35)

O versículo 31 descreve um dos elementos mais carregados de significado em toda a Escritura: *"E farás um véu de azul, e púrpura, e carmesim, e linho torcido fino; de obra prima será feito, com querubins."* (Êxodo 26.31, KJA). Este véu não era apenas uma cortina — era a fronteira entre a humanidade e a santidade absoluta de Deus.

Pendurado em quatro colunas de acácia revestidas de ouro sobre bases de prata, o véu dividia o Tabernáculo em dois compartimentos: o **Lugar Santo** — onde os sacerdotes entravam diariamente — e o **Santo dos Santos** — acessível apenas ao sumo sacerdote, uma vez por ano, no Dia da Expição (Yom Kippur).

❏ A rasgadura deste véu no momento da morte de Cristo (Mt 27.51) é um dos eventos mais teologicamente significativos do Novo Testamento, declarando que o acesso direto a Deus foi restaurado pela mediação perfeita do Filho de Deus.

Significado Teológico do Véu

- Separação entre o humano e o divino
- Necessidade de mediação sacerdotal
- Símbolo da santidade intransigente de Deus
- Prefiguração do corpo de Cristo (Hb 10.20)
- O acesso restrito aponta para a plenitude futura

Disposição dos Móveis

Dentro do Santo dos Santos: a Arca da Aliança com o propiciatório. No Lugar Santo: o candelabro, a mesa dos pães e o altar do incenso — cada um em sua posição prescrita por Deus.

O Véu dos Querubins: Fronteira entre o Humano e o Divino

A magnitude teológica do véu do Tabernáculo transcende sua materialidade. Bordado com querubins — os mesmos seres que guardam o trono divino —, o véu era a declaração visual de que Deus é santo de uma santidade que a criatura caída não pode aproximar sem mediação. Todo o sistema levítico convergia para este ponto: a necessidade de um mediador, de um sangue que expiasse, de uma pureza que possibilitasse a aproximação.



Separação (Kadosh)

O conceito hebraico de santidade implica separação. O véu tornava visível o que era teológico: Deus é completamente outro, separado do pecado e da imperfeição humana.



Mediação Sacerdotal

Apenas o sumo sacerdote, após rigorosa purificação, podia transpor o véu — e apenas com sangue de expiação. Isso prefigurava o ministério sacerdotal de Cristo (Hb 9.11-12).



Abertura Escatológica

A rasgadura do véu em Mateus 27.51 proclama que em Cristo o acesso a Deus foi democratizado — não pela abolição da santidade, mas pela satisfação perfeita de suas exigências.

Êxodo 27: O Altar de Bronze e o Pátio do Tabernáculo (v. 1–21)

O capítulo 27 abre com as instruções para o **altar dos holocaustos**, o primeiro objeto que o adorador encontrava ao entrar no pátio do Tabernáculo. Feito de madeira de acácia recoberta de bronze, media aproximadamente 2,3 metros de lado por 1,4 metro de altura — um altar imponente e funcional, destinado aos sacrifícios cotidianos de expiação e adoração.

O Altar: Expição em Chamas

O bronze, metal que resiste ao fogo, era o material apropriado para um altar onde o fogo ardia continuamente. Teologicamente, o altar representava o lugar do juízo — onde o pecado era consumido pelo fogo — e da misericórdia — onde a vida do animal substituída a do pecador.

- Chifres nos quatro cantos: poder e intercessão
- Grades de bronze: ventilação e símbolo de abertura
- Utensílios de bronze: pás, bacias, garfos, braseiros

O Pátio: Espaço de Encontro

O pátio externo era delimitado por cortinas de linho fino sustentadas por colunas de bronze com bases de bronze — um espaço transitório entre o mundo comum e a habitação de Deus. Qualquer israelita podia entrar no pátio, mas não além. Era o espaço da oferta, da confissão e do encontro.

O Azeite para o Candelabro (v. 20–21)

Os versículos finais do capítulo prescrevem azeite puro de oliva para manter a chama do candelabro acesa continuamente — símbolo da presença ininterrupta de Deus e da luz que ilumina o caminho do seu povo.

O Candelabro de Ouro e a Mesa dos Pães da Proposição

Embora descritos no capítulo 25, o candelabro (*Menorá*) e a mesa dos pães da proposição são elementos inseparáveis da teologia do Tabernáculo e dialogam diretamente com os capítulos 26–31. Ambos ocupavam o Lugar Santo — o compartimento intermediário — e expressavam dois pilares da relação entre Deus e Israel.

A Menorá — Luz Divina

O candelabro de sete braços, feito de um talento de ouro puro, ardia continuamente na presença de Deus. Sua luz era a única iluminação do Lugar Santo, simbolizando que Deus é a única fonte de luz e sabedoria. No NT, Jesus se identifica como "*a luz do mundo*" (Jo 8.12), cumprindo o que a Menorá prefigurava.

A Mesa — Sustento Espiritual

Sobre a mesa de acácia revestida de ouro repousavam doze pães — um por tribo de Israel — renovados todo sábado. Representavam o sustento que Deus provê continuamente ao seu povo e a comunhão de mesa entre Deus e Israel. Uma prefiguração da Eucaristia cristã.

Convergência Litúrgica

Esses móveis não existiam isoladamente: formavam uma liturgia integrada em que luz (Menorá), sustento (Mesa) e oração (Altar do Incenso) compunham um culto holístico que envolvia todos os sentidos e toda a vida do adorador israelita.

Êxodo 28: As Vestes Sacerdotais e o Sumo Sacerdote (v. 1–43)



Vestes de Glória e Beleza

Deus instrui que as vestes sacerdotais sejam feitas "*para glória e para ornamento*" (Êx 28.2) — uma declaração de que o culto verdadeiro envolve beleza intencional. As vestes do sumo sacerdote incluíam o **éfode**, o **peitoral do juízo**, o **manto**, a **túnica xadrezada**, a **mitra** e o **cinto**.

O Peitoral das Doze Pedras

O peitoral era incrustado com doze pedras preciosas, cada uma gravada com o nome de uma das tribos de Israel. Ao entrar no Santo dos Santos, o sumo sacerdote carregava literalmente o povo sobre seu coração — uma imagem poderosa de mediação intercessória que prefigura o ministério de Cristo como nosso sumo sacerdote eterno (Hb 7.25).

Urim e Tumim

No interior do peitoral repousavam o Urim e o Tumim — instrumentos de discernimento divino cuja natureza exata permanece debatida pelos estudiosos. Sua função era possibilitar a consulta da vontade de Deus em momentos cruciais, reforçando que o sumo sacerdote era o canal da revelação divina para Israel.

Êxodo 29: Consagração dos Sacerdotes (v. 1–46)

O capítulo 29 descreve o elaborado ritual de consagração de Arão e seus filhos para o serviço sacerdotal. O processo não era meramente cerimonial — era uma transformação ontológica: homens comuns eram separados e dedicados ao serviço de Deus.

01	02	03
Purificação com Água O primeiro ato era o banho ritual — simbolizando a purificação necessária antes de qualquer aproximação ao sagrado. A água era o sinal de um estado anterior lavado e um novo começo consagrado.	Vestição das Vestes Sagradas As vestes descritas no capítulo 28 eram então aplicadas por Moisés — o intermediário da aliança — investindo os sacerdotes com autoridade e identidade ministerial.	Unção com Óleo O óleo de unção era derramado sobre Arão e sobre o Tabernáculo, separando ambos para Deus. A unção indicava a presença capacitadora do Espírito de Deus para o ministério.
04	05	
Sacrifícios de Consagração Três animais eram oferecidos: um novilho pela expiação do pecado, um carneiro para holocausto e um carneiro de consagração. O sangue era aplicado na orelha direita, no polegar direito e no dedo grande do pé direito — simbolizando consagração da audição, das obras e do caminhar.	Sete Dias de Consagração O processo durava sete dias completos — o número da perfeição — reforçando que a consagração era total e completa. A cada dia, novos sacrifícios garantiam a continuidade da purificação e da dedicação.	

Êxodo 30: O Altar do Incenso e a Oferta Aromática (v. 1–38)

O altar do incenso, descrito nos versículos 1 a 10, era feito de madeira de acácia revestida de ouro puro, com uma coroa de ouro ao redor. Posicionado imediatamente diante do véu — na fronteira entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos — era o objeto mais próximo da presença direta de Deus acessível aos sacerdotes.

O Incenso: Oração Ascendente

A fumaça do incenso subindo ao alto é a imagem mais universal da oração — uma realidade espiritual tornada visível. O Apocalipse confirma esta interpretação: *"as orações dos santos"* são apresentadas como incenso diante de Deus (Ap 5.8; 8.4). Queimar incenso duas vezes ao dia — manhã e tarde — estabelecia um ritmo sagrado de intercedência contínua.

Ingredientes do Incenso Sagrado (v. 34–38)

A fórmula divina incluía quatro especiarias: **estoraque**, **úngula aromática**, **gálbano** e **incenso puro** — em partes iguais, temperado com sal. Este incenso era exclusivo do culto — fabricá-lo para uso pessoal era punido com a exclusão da comunidade, sublinhando a santidade inviolável da adoração a Deus.

O Resgate da Alma (v. 11–16)

O capítulo também institui o pagamento de meio siclo por cada israelita recenseado — o *"resgate da alma"*. Nenhum ser humano está diante de Deus sem necessidade de redenção. A igualdade do valor — rico e pobre pagavam o mesmo — declarava a uniformidade da condição humana perante Deus.

Êxodo 31: Bezalel e Aoliabe — Os Artesãos Escolhidos (v. 1–18)

Um dos momentos mais surpreendentes de toda a narrativa do Tabernáculo é a nomeação divina de artesãos: Deus não apenas projeta, mas capacita especificamente os construtores. *"E eu o enchi do Espírito de Deus, em sabedoria, e em entendimento, e em ciência, e em toda a obra"* (Êxodo 31.3, KJA) — palavras ditas sobre Bezalel, filho de Uri.



Bezalel: Cheio do Espírito

Bezalel da tribo de Judá é a primeira pessoa na Escritura a ser descrita como *"cheia do Espírito de Deus"*. Sua capacitação era específica: habilidade artesanal — trabalhar em ouro, prata, bronze, pedras e madeira. O Espírito Santo como capacitador das artes.



Aoliabe: O Assistente Sábio

Aoliabe da tribo de Dã foi chamado para auxiliar Bezalel e também para ensinar outros artesãos. A transmissão do conhecimento sagrado era parte do chamado — a obra de Deus é coletiva e intergeracional.



O Sábado: Sinal Perpétuo (v. 12–17)

Mesmo no meio das instruções de construção, Deus interrompe para reafirmar o sábado como sinal da aliança — *"entre mim e vós, pelas vossas gerações"*. O descanso sabático não era opcional; era a marca identitária do povo de Deus, separando-os das nações ao redor.



As Tábuas de Pedra (v. 18)

O capítulo encerra com Deus entregando a Moisés as duas tábuas escritas com o próprio dedo de Deus — um encerramento majestoso de toda a seção das instruções, conectando a Lei Moral com a Lei Cerimonial do Tabernáculo.

Arte e Espírito: A Presença Divina na Obra dos Artesãos

A narrativa dos artesãos do Tabernáculo subverte toda espiritualidade que despreza o material. Aqui, o Espírito de Deus desce não sobre um profeta com palavras, mas sobre artesãos com ferramentas. O divino e o artístico se fundem: cada batida de martelo, cada ponto bordado, cada peça de ouro moldada era ato de adoração e obediência.

"E Bezalel e Aoliabe e todo o homem sábio de coração, em quem o Senhor pôs sabedoria e entendimento para saber fazer toda a obra para o serviço do santuário..." — Êxodo 36.1 (KJA)

Esta teologia da arte sagrada tem implicações duradouras. O Espírito de Deus é o arquiteto supremo, mas usa mãos humanas. A beleza não é vaidade — é vocação. O trabalho não é maldição — é chamado. E quando o ser humano dedica suas habilidades ao serviço de Deus, o ordinário torna-se sagrado, e a oficina torna-se templo.

Análise Teológica: O Tabernáculo como Símbolo da Habitação Divina

A seção de Êxodo 26–31 constitui uma das mais ricas concentrações de teologia simbólica em todo o Antigo Testamento. O Tabernáculo não era apenas uma estrutura religiosa — era um cosmos em miniatura, um mapa da realidade espiritual, a encenação portátil da presença divina em meio ao povo peregrinante.



A progressão é clara: Deus se move em direção à humanidade. O Tabernáculo é um capítulo dessa história eterna de aproximação divina, cujo clímax é a encarnação do Filho e cuja consumação é a Nova Jerusalém, onde Deus habitará eternamente com os seus (Ap 21.3).

Aplicações Práticas para o Cristão Contemporâneo

O estudo de Êxodo 26–31, embora profundamente histórico e arqueológico, não é apenas antiquário. Seus ensinamentos irrompem no presente com força normativa e transformadora para o cristão do século XXI.

O Chamado à Santidade

A meticulosa separação entre o sagrado e o profano no Tabernáculo lembra ao cristão que a santidade não é opcional. Somos chamados a ser "*templos do Espírito Santo*" (1Co 6.19), o que implica cuidado, separação e dedicação da vida inteira a Deus — não por temor, mas por amor.

A Presença de Deus no Cotidiano

O Tabernáculo portátil ensina que Deus não está confinado a templos ou locais específicos. O Espírito Santo habita no crente individualmente e na comunidade corporativamente. A consciência desta presença transforma o cotidiano — o trabalho, a família, as relações — em espaço sagrado.

Arte e Trabalho como Adoração

A capacitação de Bezalel pelo Espírito Santo para o trabalho artesanal redime toda concepção que relega o trabalho à esfera secular. Toda habilidade — artística, técnica, intelectual — pode ser dedicada a Deus e torna-se, assim, ato de adoração e serviço ao reino.

O Ritmo do Descanso Sabático

O sábado como sinal perpétuo da aliança desafia a cultura da produtividade incessante. O descanso não é fraqueza — é ato de confiança em Deus. Para o cristão, o Dia do Senhor é o memorial da nova criação inaugurada na ressurreição de Cristo.

Conclusão: A Revelação da Glória de Deus em Êxodo 26–31

Os seis capítulos estudados formam uma unidade temática de profunda riqueza teológica. Desde as cortinas bordadas de querubins até as tábuas escritas pelo dedo de Deus, passando pelas vestes sacerdotais, os ritos de consagração e os artesãos ungidos pelo Espírito — cada elemento conta a mesma história: **um Deus santo que deseja habitar no meio do seu povo.**

Santidade e Beleza

O Tabernáculo demonstra que santidade e beleza não são opostos. A glória de Deus se expressa na perfeição dos detalhes, na riqueza dos materiais e na precisão das medidas. O culto verdadeiro é ao mesmo tempo sagrado e belo.

Mediação e Acesso

Todo o sistema tabernacular aponta para a necessidade de mediação — e para sua solução definitiva em Cristo. O que o sumo sacerdote fazia temporariamente, Cristo fez eternamente, de uma vez por todas (Hb 9.12).

Comunhão e Aliança

O objetivo final de toda a estrutura é expresso no versículo de Êxodo 29.45: *"E habitarei no meio dos filhos de Israel, e serei o seu Deus."* A aliança não é um contrato — é uma comunhão. Deus habita, e nós somos o seu povo.

Que este estudo não permaneça apenas no campo intelectual, mas produza no coração do leitor uma reverência renovada pela presença de Deus e um desejo genuíno de viver como templo vivo do Espírito Santo — andando em santidade, servindo com excelência e descansando na aliança eterna do nosso Deus.

Assinatura do Comentarista

Jônatas Silva da Cruz

Teólogo

Este comentário bíblico exegético foi elaborado com o propósito de servir à Igreja de Cristo, aos estudantes de teologia, aos pastores e a todo cristão que deseje aprofundar seu conhecimento das Escrituras Sagradas. O estudo rigoroso da Palavra de Deus não é incompatível com a devoção ardente — ao contrário, o conhecimento genuíno do texto bíblico é o fundamento da adoração autêntica e da vida transformada.

"A glória de Deus é ocultar uma coisa, mas a glória dos reis é pesquisar uma coisa." — Provérbios 25.2 (KJA)



Sola Scriptura

Todo este comentário está fundamentado na autoridade única e suficiente das Sagradas Escrituras, interpretadas em seu contexto histórico, literário e teológico.



Convite à Reflexão

Que cada leitor, ao fechar este comentário, abra as Escrituras com olhos renovados — buscando não apenas informação, mas o encontro vivo com o Deus que habitou no meio do seu povo e ainda habita em nós.



A Jornada Continua

Como Israel no deserto, cada um de nós está em jornada. O Tabernáculo era portátil porque Deus acompanha o seu povo passo a passo. A mesma presença divina que encheu o Tabernáculo de glória nos acompanha hoje — fiel, santa e amorosa.